



## **CIÊNCIAS SOCIAIS E GLOBALIZAÇÃO: PISTAS PARA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIOLOGIA AFROCENTRADA EM ANGOLA**

Eduardo Sala<sup>1</sup>

### **Resumo**

De natureza interdisciplinar, esse artigo faz o uso método de pesquisa bibliográfica. O artigo analisa, além do ensino, a arte do fazer Ciências Sociais em Angola como um todo. Principalmente no campo da Sociologia, propondo uma dinâmica afrocentrada diante dos desafios de um mundo cada vez mais globalizado. Como resultado, constatou-se que a descolonização política não pôs fim ao projeto de imperialismo ocidental, e que, o sistema educativo em Angola precisa se remodelar com vista a fazer frente às falsidades do imperialismo e suas colonialidades. Para isso, é necessário que se criem mecanismos com vista a se institucionalizar em Angola um referencial teórico bibliográfico do ensino de Sociologia pós-unipolaridade, anti-imperialista, afrocentrado e popular.

Palavras-chave: Angola; África; Ciências Sociais; Sociologia; Ocidente.

## **SOCIAL SCIENCES AND GLOBALIZATION: CLUES FOR CONSTRUCTING AN AFROCENTRATED SOCIOLOGY IN ANGOLA**

### **Abstract**

This interdisciplinary article uses the bibliographic research method. In addition to teaching, the article analyzes the art of doing Social Sciences in Angola as a whole, especially in the field of Sociology, proposing an Afrocentric dynamic in the face of the challenges of an increasingly globalized world. As a result, it was found that political decolonization did not put an end to the Western imperialist project, and that the educational system in Angola needs to be remodeled in order to confront the falsehoods of imperialism and its colonialities. To this end, it is necessary to create mechanisms with a view to institutionalizing in Angola a theoretical bibliographic reference for the teaching of post-unipolarity, anti-imperialist, Afrocentric and popular Sociology.

Keywords: Angola; Africa; Social Sciences; Sociology; West.

### **Introdução**

Com ênfase na prática do ensino de Sociologia e na arte do fazer Ciências

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sociólogo. Membro do Grupo de Estudos Nejud – Núcleo de Estudos da Educação e Juventude Contemporânea (UFSC/CNPq). E-mail: eduardosala200@gmail.com.



Sociais como um todo, esse artigo de natureza interdisciplinar faz o uso do tipo de pesquisa qualitativa, método de pesquisa bibliográfica. Tem como principal objetivo analisar a dinâmica das Ciências Sociais em Angola a partir de um viés afrocêntrico num mundo cada vez mais globalizado, em que se assiste um alvorecer sem precedentes dos mecanismos de aculturação e neocolização cada vez mais aprimorados. Para que Angola enfrente tais mecanismos e freie seus avanços, esse artigo propõe a implementação de um ensino de Sociologia afrocentrado e contra-colonial. A afrocentricidade aqui proposta é a conceituação do termo segundo Asante (2016), que fundamenta a afrocentricidade como o ato de demarcar-se das amarras do eurocentrismo, colocando os povos, as culturas e as tradições africanas no centro de suas próprias produções materiais. Sendo assim, uma Sociologia afrocentrada é aquela que adota o conhecimento, as práticas culturais e os saberes e fazeres produzidos em África por africanos e pela diáspora africana ao redor do mundo.

## **Sociologia vs Globalização**

A educação sociocultural, sociopolítica e histórico-social da sociedade angolana não pode ser delegada as corporações midiáticas ocidentais, que em corroboração com seus teóricos etnocentristas, formam uma frente única na missão de alienação do cidadão comum em sociedades africanas. Enquanto o referencial teórico-bibliográfico do ensino de Sociologia permanecer subalternizado, a promoção midiática de uma visão de mundo ocidental dado como o padrão de civilização se manterá na sociedade angolana. O povo permanecerá com a falsa crença de que será o Ocidente o seu pródigo salvador, aquele que o libertará da “repressão” dos colonizadores intrínsecos, o solucionador de seus problemas diversos. Tal percepção é o resultado de uma educação eurocêntrica, cuja contratamedida mais eficaz é a afrocentrização. Tal como diz Asante (2016, p. 10), “a Afrocentricidade emergiu como um repensar da caixa conceitual que tinha aprisionado os africanos no paradigma ocidental. Isso foi um Eurocentrismo que tinha finalmente esgotado a si mesmo”. Segundo Falola (2007, p. 13-14), “estamos lidando com o contexto mais amplo da globalização e da dominação ocidental que as Humanidades têm de remodelar”.

Por exemplo, Manuel (2016) resume fielmente a dicotomia existente dentro da



chamada elite de sociólogos angolanos, que desfruta dos *status quo* que a área os proporciona e a cumplicidade, um quase pacto intra-velha guarda destes mesmos sociólogos que se nega a proporcionar uma formação qualificada as novas gerações. Por outro lado, somos céticos a descrição exclusivamente positiva dos efeitos da *globalização* no ensino de Sociologia em Angola conforme tecida pelo autor, que diz “felizmente a globalização veio ajudar a reformular este quadro, permitindo maior acesso à informação e conhecimento sociológicos” (Manuel, 2016, p. 16).

De fato, a globalização permitiu maior acesso à informação. Porém, resta dizer de quais tipos de informação se trata, de onde elas vêm, trata-se de uma distribuição ou propagação equitativa do conhecimento? Quem é o produtor, difusor, e quem é o consumidor e o receptor? Sabe-se também que com a globalização veio a aceleração do processo de aculturação, aceleração de imposições epistêmicas do autodenominado primeiro mundo sobre as demais regiões. Asante (2016) chama atenção ao perigo que a globalização representa para os africanos ao dizer que, “Nos tempos modernos, uma hegemonia europeia de ideias, informações, conceitos e valores invadiu os africanos de uma maneira tão violenta física e intelectual que nós, africanos, muitas vezes perdemos o sentido de nosso próprio centro cultural” (Asante, 2016, p. 12). Sendo assim, seria mais prudente se os acadêmicos em Angola falassem da globalização com ressalvas, visto que não se trata de um fenômeno tão feliz tanto quanto parece e é descrito por muitos sociólogos no país.

Conforme uma vez disse Thomas Sankara (21 de dezembro de 1949 - 15 de outubro de 1987), “*queremos preservar de cada revolução apenas a essência da pureza que proíbe que nos tornemos servos da realidade dos outros, embora pensemos que existe uma comunidade de interesses entre nós*”.<sup>2</sup>

Segundo Falola (2007) “a África não poderá jamais compreender as forças da globalização ou lidar com elas sem as Humanidades” (Falola, 2007, p. 14). A tendência subalterna da prática do ensino e do discurso sociológico em Angola, somado a comportamentos subalternos de atores políticos, perpassam a sociedade a ideia retrógrada e neocolonial de um pseudo protagonismo bem-feitor e messiânico ocidental, interpretando os EUA e a Europa como autoridades patronais ou governos mundiais supranacional, perante os quais, todas as outras nações e civilizações

2 Discurso de Thomas Sankara na Assembleia Geral de ONU, 1984.



devem se curvar e dar seus depoimentos. A desconstrução dessa cosmovisão distorcida é impossível sem uma virada “radical” da Sociologia para o todo cujo Angola é parte, isto é, a conscientização social de que Angola é um navio atracado indefinidamente em África, o seu porto natural.

Os conceitos de investimento, avanço tecnológico e inovação são interpretados como sinônimos de olhar para o Norte e somente para lá. Muitos sociólogos em Angola se esquecem que a má governação e a corrupção interna, bem como séculos de subjugação ocidental e sabotagens, com a recusa do Ocidente em transferir tecnologias, intervenções militares e a capitulação dos Estados africanos aos organismos financeiros ocidentais (FMI, Banco Mundial, etc) por meio de endividamentos públicos exacerbados e a adoção de políticas econômicas neoliberais mantêm o continente refém, reduzido a condição de mero consumidor final de produtos e serviços fabricados pelo Ocidente, com a plena cumplicidade das elites políticas internas. Por outro lado, apesar de se tratar de um assunto técnico, são os sociólogos e demais cientistas sociais que denunciam a ausência de tais acordos de cooperação mutuamente benéficos no âmbito de tratados tecnológicos e sugerem estratégias para que se levem a cabo políticas externas assentes na cooperação ganha-ganha. Lauer (2016) diz que ao se autolegitimar, o discurso científico moderno minou a transferência de tecnologia para a África, e essa foi a causa de as sociedades pós-coloniais, também chamadas de “culturas agrárias tradicionais”, terem fracassado em se apropriar dos benefícios e valores científicos modernos.

Enquanto haver especialistas e formadores de opiniões em Angola insistindo na trágica concepção de que o desenvolvimento de Angola e de África está atrelado a um destino ocidental, Angola caminhará errante em uma trajetória circular, perdida no tempo e no espaço em busca de um porto mitológico jamais alcançável. O país precisado ser repensado a partir de um escopo global, com a africanidade dos angolanos no centro dos debates. Por estes e outros motivos, a ascensão a liderança intelectual das Ciências Sociais, em particular a Sociologia é urgente e necessária. Porém, tal feito emponderador só se alcançará com a prévia descolonização e afrocentização do seu ensino. Para a infelicidade dos acusadores e depreciadores, o progresso tecnológico de Angola e da África está condicionado ao pré-requisito da institucionalização do ensino de humanidades de teor libertário (mental, cultural, econômico e epistemológico), pois é daí onde surgem os estrategistas políticos e



geopolíticos efetivamente reformistas (Patnaik, 2023).

### *Sociologia, Política Internacional e a Teoria dos Currículos*

Segundo Asante (2016), afrocentizar é um desafio cultural que significa travar um confronto com as estruturas e as epistemologias opressivas, ou seja, ocidentais. “Tal desafio cultural, no entanto, desafia muito do quadro conceitual recebido que vê os africanos e, de fato, a África como marginais para a criação da realidade” (Asante, 2016, p. 10-11).

Se tomarmos como base os fundamentos de Asante (2016), para que os Estados Africanos se desfaçam das amarras do Ocidente e seus carrascos intrínsecos, reformas em grande escala no sector da educação precisam ser levadas a cabo, as epistemologias ocidentais precisam passar para uma posição de complementares em contraponto do monopólio que têm hoje das grades, PPCs e ementas de cursos e disciplinas. Para os países liderados por fantoches do Ocidente, é possível manobrar as imposições do sistema, a formação autônoma dos professores deve ser continuada, os professores de Sociologia e de Humanidades no geral precisam estar na vanguarda da reorientação epistemológica e conseqüentemente na mudança de paradigma e da visão de mundo das novas gerações. Para isso, os saberes e fazeres ancestrais, tradicionais e pan-africanos devem ser restabelecidos e reaproveitados em prol de uma Angola digna do angolano comum e uma África digna do africano comum. Para que se alcance essa educação afrocentrada, Asante (2016) propõe um olhar diferente da história, ir além da Grécia e Roma, para isso, é preciso proceder de forma interdisciplinar, pois isso mudará a forma como o estudante vê o papel dos africanos na história mundial. Assim, “as implicações para tal reorientação são encontradas na comunicação, linguística, história, sociologia, arte, filosofia, ciência, medicina e matemática” (Asante, 2016, p. 11).

Do mesmo jeito que os currículos nacionais podem ser controlados por regimes totalitários com vista a manipulação da opinião pública interna, eles podem ser usados por regimes imperialistas a fim de colocar a opinião pública mundial e os múltiplos pensamentos sociais a seu favor e legitimar suas ações de ingerências e intervenções em Estados soberanos. O poder hipnotizador é tal e tanto, a lavagem cerebral é



tamanha que alguns indivíduos, muitos dos quais instruídos dos países do Sul Global, particularmente em África, se posicionam a favor da intervenção dos regimes supremacistas ocidentais em seus próprios Estados. Fazendo uma analogia a partir da perspectiva pós-estruturalista, Silva (2010) observa que “o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder” (Silva, 2010, p. 16). Para o autor, selecionar, bem como privilegiar um tipo específico de conhecimento, e assim sendo, de uma identidade em detrimento da outra, é uma “operação de poder”.

Tais indivíduos confundem, em função de um ensino de Ciências Sociais e Humanas colonizado, a luta contra regimes nacionais corruptos, totalitários e submissos ao Ocidente, com a necessidade de se vender e se subalternizar ao mesmo Ocidente racista e cúmplice das elites corruptas africanas. Para aqueles que se autointitulam patriotas e africanistas, ser patriota/africanista e clamar por ingerência e intervenção ocidental são preposições antagônicas. Ao analisar a hegemonia imperialista sobre o terceiro mundo, o intelectual indiano Prabhat Patnaik (2023) diz que ela “é exercida não só através das armas e do poder económico, mas também através da hegemonia das ideias, fazendo com que as vítimas vejam o mundo da forma como o imperialismo quer que elas o vejam”. Para o autor, a luta anticolonial começa com a tomada desta consciência.

O Ocidente não é um aliado dos homens e mulheres africanos (as) comuns, muito pelo contrário, com a sua horda de extremistas de direita racistas (e facistas) agora representados e impulsionados pelo trumpismo internacional, é cada vez mais anti-africano, uma ameaça direta e imediata a integridade dos africanos e dos afrodiaspóricos, conforme nunca deixou de ser. Para que o povo angolano se posicione geopoliticamente em consonância com seus irmãos no continente e na diáspora, a reestruturação da prática de ensino, pesquisa, bem como dos discursos sociológicos para uma dinâmica afrocentrada faz-se urgente e necessária. Segundo Asante (2016, p. 10), “Afrocentricidade é uma crítica da dominação cultural e econômica e um ato de presença psicológica e social diante da hegemonia eurocêntrica”.

O Ocidente é um oponente em comum para o Sul Global e o Oriente, o supremacista do topo da cadeia. Do ponto de vista geopolítico, de política de Estado



e da luta contra a manutenção do unipolarismo euramericano, a África até certo ponto necessita de oponentes ocidentais fortes localizados em outros polos de poder epistemológico e não só, porém, chamamos atenção ao risco de se substituir uns supremacistas por outros. A única constante entre a África e os demais polos de poder geopolítico é que o racismo ocidental é também cultural, impositório e globalmente coercitivo para além de étnico, o que coloca todos numa espécie de frente de luta em comum contra a hegemonia neocolonial ocidental.

Fora o supracitado, nem o Ocidente Coletivo (EUA e Europa), nem a China e Rússia. A Sociologia em Angola, como um instrumento de empoderamento popular e afro-civilizacional, deve rejeitar qualquer tentativa de paternalismo epistemológico venha de onde vier, ou seja, do Ocidente, Eurásia e inclusive do próprio Sul Global. De acordo com Asante (2016) “a Afrocentricidade como ideia articula uma poderosa visão contra-hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal” (Asante, 2016, p. 11). Assim, inspirando-se na crítica de Asante (2016), a Sociologia em Angola deve se virar para África, para os afrodescendentes na diáspora, bem como para as demais contribuições contra-coloniais centrados em estudos sobre África a partir de narrativas e perspectivas dos africanos e dos afrodescendentes. Quando se proceder o Ensino de Sociologia nestes moldes, estaremos, aí sim, diante de uma Sociologia afrocentrada .

Os sociólogos em Angola precisam abandonar a cosmovisão passivista de que o (ego) centrismo nas relações entre os polos de poder geopolítico é algo externo aos africanos. Este artigo é contrário e rejeita categoricamente essa cosmovisão universalizada que atribui aos africanos o papel de exclusiva macro civilização de civilizações humanas politicamente correta. A visão estereotipada do ser humilde, mero espectador das disputas internacionais do poder, aquele que deve ser influenciado e (re) conquistado. Ferreira (2010) diz que nos EUA, os enormes investimentos feitos pelo governo do país destinados aos Estudos Africanos tiveram uma dimensão geopolítica inegável e basearam-se na Lei Educacional de Defesa Nacional VI, que considerava a África um campo de disputas geopolíticas com outros polos de poder adversários, como o bloco sino-soviético, que hoje poderia se traduzir na aliança estratégica sino-russa. De acordo com o autor, de 1949 a 1964, o governo estado-unidense investiu cerca de 76 milhões de dólares em estudos sobre África.



A Sociologia em Angola deve ser reorientada com o fim de assumir uma dinâmica mais ousada, ser capaz de remodelar a visão de mundo das massas, afim de se fazer passar a mensagem de que o despertar do gigante adormecido que é a África, é o início de um percurso rumo a afirmação geoestratégica global. Demarcando-se das teorias que procuram convencer os angolanos de uma delegação quase mitológica atribuída ao continente africano como mera zona de disputa de influências entre outros polos de poder. De acordo com Falola (2007, p. 18), “O que deveríamos fazer, em vez disso, é celebrar a essência da condição africana, politizar uma identidade africana como uma estratégia deliberada de conter os excessos da globalização”.

Do ponto de vista da política real, todo ator geopolítico é autocentrista. A adoção de uma política acadêmico-epistemológica afrocêntrica, seria por parte de Angola e África, a adoção de uma resposta e/ou retaliação espelhada contra um polo (Ocidente) com tendências ao monopolismo no que concerne a produção e divulgação do conhecimento, jaz desde os seus primeiros contatos com os africanos. O centrismo acadêmico-africano é, portanto, necessário e imperativo para a efetivação de uma Sociologia realmente endógena e ao serviço do povo. Como diz Falola (2007), devemos colocar o que é africano no centro. A Sociologia deve ser afro-memorável, imortalizar os milhões de martirizados angolanos/africanos e ser um cartão postal lembrando ao povo angolano de que Angola é parte da grande família africana e que só, e exclusivamente uma integração africana efetiva representará uma garantia de segurança e prosperidade para o país.

## Considerações finais

Já nos questionamos por que o chamado Ocidente coletivo procura cancelar autores de países rivais nos mais diversos campos do conhecimento? Tudo isso deve funcionar como um sinal de alerta para Angola, África e o Sul Global. Como diz o indiano Prabhat Patnaik (2023), “e uma vez que o projeto imperialista não termina com a descolonização política formal, o sistema educativo nas ex-colônias recém-independentes tem de procurar continuamente ir além das falsidades do imperialismo”. Infeliz ou felizmente, a força dos fatos nos leva a deduzir que chegou a



hora de ruptura, um estágio das coisas impulsionado pelo próprio Ocidente. É hora de se criar em Angola um referencial teórico bibliográfico do Ensino de Sociologia pós-unipolaridade, anti-imperialista, afrocentrado e popular. Os sociólogos, demais cientistas sociais e educadores não estão fora de cartilha das disputas internacionais em andamento, muito pelo contrário, são partes fundamentais do processo todo, pois a consciência de classe e civilizacional entre as nações começa na escola e na academia.

## Referências

ASANTE, M. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental**: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Ensaios Filosóficos, Volume XIV – Dezembro/2016.

FALOLA, Toyin. **Nacionalizar a África, culturalizar o Ocidente e reformular as humanidades na África**. Afro-Ásia, núm. 36, 2007, pp. 9-38, Universidade Federal da Bahia, Bahía, Brasil.

FERREIRA, Roquinaldo. A Institucionalização dos Estudos africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2010, v. 30, n.59.

LAUER, Helen, **sobre a própria ideia de uma tradição do conhecimento ocidental**: analisando afirmações que lidam com o regresso econômico na África. O resgate das ciências sociais e humanas, e das humanidades através da perspectiva africana. Fundação Alexandre de Gusmão Brasília – 2016.

MANUEL. Adérito. O pensamento sociológico no ISCED de Luanda: um estudo dos trabalhos de fim de curso de licenciatura defendidos entre 2003 e 2013. In: **Sociologia, ensino e prática**. 2016. Disponível em: <[https://www.academia.edu/35286376/Sociologia\\_Ensino\\_e\\_Pr%C3%A1tica\\_livro\\_online](https://www.academia.edu/35286376/Sociologia_Ensino_e_Pr%C3%A1tica_livro_online)>. Acesso em: 05 de abril de 2025.

PATNAIK, Prabhat. Uma política educacional para colonizar mentes. **Resistir. Info**. Informação disponível em: [https://resistir.info/patnaik/patnaik\\_31dez23.html](https://resistir.info/patnaik/patnaik_31dez23.html). Acesso em: 31 de dezembro de 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo/Tomaz Tadeu da Silva. -3. Ed. -1. Reimp- Belo Horizonte; Autêntica, 2010.